

# As oficinas de louça preta de Lanheses (Viana do Castelo): um fenómeno de migração

Isabel Maria Fernandes \*

Antes de iniciarmos o estudo da louça preta produzida em Lanheses iremos referir a produção de louça em Prado, antigo concelho, extinto em 1855<sup>1</sup>. No concelho de Prado nasceram e aprenderam a arte os oleiros que, no 1.º quartel de 1800, deram início à produção de louça preta em Lanheses.

## 1. A produção de louça em Prado

### 1.1 Sua antiguidade

Desde o séc. XIII (1220), que aparece documentado o fabrico de louça em Prado, nos arredores da cidade de Braga, e, um pouco mais tarde (séc. XIV), o fabrico da telha (Barroca 1993: 163). Só no séc. XVII (1645) é que encontramos a primeira referência ao fabrico de louça preta. Segundo Mendez Silva, em Prado produziam-se vasilhas de louça preta com que se abastecia a Província de Entre-Douro-e-Minho (Mendez Silva 1645: fl. 179 v.). Nas escavações arqueológicas realizadas no Mosteiro de Santa Maria de Tibães, no concelho de

---

\* Bolseira de Doutoramento do Praxis XXI - JNICT / Universidade do Minho. Endereço: Rua Vasco da Gama, 48, Apartado 260, 4753 BARCELOS CODEX. Tel. 0931-9424176.

(1) Ao concelho de Prado pertencia o grosso das freguesias que se dedicavam ao fabrico de louça preta, vermelha, vidrada e telha. Em 1855, o concelho de Prado é extinto e as suas freguesias são distribuídas pelos actuais concelhos de Barcelos, Vila Verde e Braga. Durante muito tempo, no entanto, a louça fabricada nas freguesias deste extinto concelho continuou a ser conhecida por louça de Prado (Carneiro 1962). Neste trabalho, continuaremos a referir-nos à antiga unidade administrativa - Prado.

Braga, apareceu desta louça (Fontes 1998), cuja proveniência de fabrico pode ser atribuída a Prado, e cuja produção pôde ser detectada num vasto período cronológico que se situa entre o final do séc. XVI e meados do séc. XX. Prado situa-se na margem direita do rio Cávado ficando-lhe sobranceiro, na margem esquerda, a meia-encosta, o Mosteiro de Tibães. A unir as duas margens existia uma barca de passagem que permitia a circulação de pessoas e bens (Macedo 1966). Também peças semelhantes às encontradas em Tibães apareceram nas escavações arqueológicas realizadas na Casa do Infante, no Porto (Real 1995: 181-182).

### 1.2 Sua comercialização

Por outro lado há documentação que comprova que louça de Braga (produzida em Braga ou em Prado?) chegava ao Porto (que se situa a 50 Km de distância), desde pelo menos o séc. XIV (1339) (Barroca 1993: 161). Mais tarde, já no séc. XVII (1628) há documentos que atestam a expansão comercial da louça de Prado até à cidade do Porto (Silva 1988: 885). Em 1789, é mesmo referida a necessidade de recuperar a velha ponte de Prado, sobre o rio Cávado, destruída pela passagem de mais de 10000 carros de telha e barro que anualmente atravessavam a ponte (Oliveira 1985: 156).

Pela documentação ficámos a saber que louça de Prado saía pela barra de Esposende (Neiva 1984: 23) e de Viana (Capela 1992). Esta produção cerâmica é perfeitamente descrita por Rocha Peixoto, no final do séc. XIX, verificando-se que nessa época Prado continuava a abastecer um vasto mercado chegando pelo Norte, a Espanha (Galiza), pelo sul, até ao Mondego e, para o interior, a Trás-os-Montes e às Beiras (Peixoto 1966: 49-60).

Como se pode comprovar pela documentação atrás referida Prado era um importante centro produtor de louça (vermelha, preta e vidrada) e telha, cuja produção aparece documentada desde o séc. XIII, continuando ainda hoje a ser uma importante área de extracção de barro e de fabrico cerâmico em Portugal.

A comercialização desta louça era feita pelos próprios oleiros ou por intermediários. Na documentação atrás referida vemos que era em carro de bois que a louça de Prado chegava a Esposende (Neiva 1984: 23), Porto (Silva 1988: 885) e a Viana do Castelo (Capela 1992)<sup>2</sup>.

Transportada em carro de bois até aos portos marítimos mais próximos (Esposende

---

(2) A louça saía da Alfândega de Viana além de ser expedida tendo como unidade taxada o carro também podia ser contada em dúzias e, no caso das telhas, em milheiros ou moios (Capela 1992).

e Viana do Castelo) esta louça seguia de barco para mercados mais longínquos como a Galiza (Espanha), no séc. XVIII-XIX, a Norte, e Lisboa, a Sul, no séc. XVIII (Capela 1992).

No entanto, sabemos que esta louça também podia ser transportada à cabeça, por mulheres. Para as feiras das redondezas era usual transportarem-na à cabeça metida dentro de cestos ou simplesmente presa com cordas. Falando com as pessoas de mais idade ligadas ao fabrico ou venda de louça é frequente ouvi-los descrever a ida a pé até às feiras dos arredores: Prado, Braga, Barcelos, Pico de Regalados, onde as mulheres, de cesto à cabeça, iam vender a louça. Uma foto do início do séc. XX demonstra bem o modo como eram feitos estes carregos (Ilustração Católica 1918).

## 2. A feira quinzenal de Ponte de Lima

Por Prado passava a estrada real que unia Braga a Ponte de Lima e, em Ponte de Lima, se realiza uma importante feira quinzenal (documentada como feira desde 1125), para onde confluem os produtos de uma vasta região, e que sabemos ter sido frequentada, pelo menos no séc. XV (1459), por galegos (Rau 1982: 63-64).

Sabemos, através do trabalho de campo que efectuamos em Prado, que a louça preta aí fabricada era vendida na feira quinzenal de Ponte de Lima pelo menos desde o séc. XIX, mas sendo provável que o mesmo tivesse sucedido nos séculos anteriores. À feira apareciam também os intermediários que compravam a louça aos oleiros e que depois a faziam seguir de barco, pelo Lima, até Viana do Castelo e às povoações da serra d'Arga (Fernandes 1996: 14-15; 1997). Esta preferência das populações a norte do Rio Lima pela louça preta deve ter tido a sua origem em época anterior aos sécs. XIX e XX. Ainda hoje é frequente encontrar-se peças de louça preta em velhas casas desta vasta região que se situa entre os rios Lima e Minho<sup>3</sup>. A louça produzida em Prado (freguesias de Parada de Gatim e S. Mamede de Escariz) vendeu-se em Ponte de Lima até ao terceiro quartel do séc. XX (ca 1960), tendo-se extinguido o seu fabrico na década de 80 (Fernandes 1996: 14-15; 1997).

Como atrás referimos, a louça (vermelha, preta, vidrada) e a telha de Prado abastecia uma vasta região chegando, a norte, até à Galiza (Espanha) (Peixoto 1966: 53-54; Capela 1992). Esta louça comercializada, por exemplo, nas feiras de Ponte de Lima e de Viana do Castelo,

---

(3) Numa visita minha à Casa da Calçada, em Melgaço, encontrei um cântaro de louça preta, produzido em Prado ou em Lanheses e que era utilizado para sulfatar as vinhas.

satisfazia as necessidades de uma população rural que utilizava os utensílios de barro para preparar, cozinhar e conservar os alimentos, bem como para o armazenamento, serviço e transporte de líquidos. Destes fabricos, iremos destacar a louça preta, que sabemos se produzia em Prado desde pelo menos o séc. XVI e que era exportada para o Entre Douro e Minho.

### 3. A migração de oleiros de Prado

Sendo Prado uma vasta região produtora de louça, abastecendo um vasto mercado, não é de admirar que esteja documentado, pelo menos nos séc. XIX e XX a migração dos seus oleiros para várias partes do Mundo, para onde também foram produzir louça: Espanha (Garcia Alén 1983:150-198; Fernandes 1990: 9-14), Brasil (Coutinho 1989), ex-colónias portuguesas em África, França, etc. Continua no entanto por fazer um estudo sistemático destes movimentos migratórios quer para fora de Portugal quer dentro do próprio País. Neste estudo iremos dar conta do fenómeno migratório de oleiros de Prado para Lanheses.

### 4. Lanheses e a produção de louça preta

Podem ser vários os motivos que levam um oleiro a sair da sua terra e a estabelecer-se com a sua oficina noutra localidade. Mas dois factores são essenciais: que aí exista a matéria-prima de que necessita, o barro; e que haja mercado para a sua produção.

Lanheses, actual freguesia do concelho de Viana do Castelo obedecia a esses dois requisitos: possuía barreiros de argila e um mercado consumidor que abrangia a serra d'Arga e as freguesias ribeirinhas da margem direita e esquerda do Lima.

#### 4.1 O fabrico da telha em Lanheses

A freguesia de Lanheses, localizada numa zona onde avulta o barro, foi terra de telheiros e oleiros. A telha de Lanheses, rezam os documentos, era excelente. A louça, surgiu mais tarde, e a ela se deve o ápode dos seus habitantes *paneleiros*<sup>4</sup>.

O fabrico da telha está documentado desde o início do séc. XVIII (1706) (Costa

---

(4) A designação de *paneleiros* atribuída aos habitantes de Lanheses foi-me referida por vários dos seus habitantes e também vem assinalada na obra de Gabriel Gonçalves (Gonçalves 1940).

1868: 172) mas poder-se-á facilmente admitir que já antes dessa data aí se produziria telha<sup>5</sup>. Em vários documentos do séc. XIX esta é considerada como de muito boa qualidade (Leal 1874: 47; Vieira 1886: 229). Alguns autores (Bolama 1914: 437) e a tradição oral ainda viva na povoação afirmam que esta telha terá mesmo sido utilizada na construção do convento de Mafra, mandado erigir, pelo rei D. João V, na primeira metade do séc. XVIII. O certo é que, na segunda metade desse século, grande quantidade de telha saiu da barra de Viana com destino a Lisboa e a outros pontos do País (Capela 1992). E, telha de Lanheses era vendida, no final do séc. XVIII (1791) em Viana do Castelo, conjuntamente com louça de Prado (Bezerra 1791: 115-116).

#### 4.2 A criação da vila e concelho de Lanheses

Em 1793, e devido à influência dos senhores do Paço de Lanheses, a povoação passa a vila e é criado o concelho de Lanheses. Mais tarde, em 1796, a Câmara de Lanheses, consegue que lhe seja concedida um feira quinzenal (Bolama 1914: 437; Gonçalves 1988: 132-138; Capela 1995: 351-362, notas 5 e 7).

#### 4.3 A rede viária e fluvial

Lanheses situa-se numa área de confluência de caminhos<sup>6</sup>: por ela passa a estrada que une Ponte de Lima a Viana do Castelo e, outras estradas pela serra permitem-lhe a ligação a Meixedo, Vilar de Murteda, S. Lourenço da Montaria, Vila Praia de Âncora, Caminha, Seixas, etc.

Por outro lado, situada numa veiga banhada pelo rio Lima, aí existia uma das barcas

---

(5) Caroline Brettell refere que por cada fornada de telha que se cozesse na paróquia o pároco recebia um moio (documento de 1779). Por outro lado, dá conta que num testamento redigido em 1779, a viúva Vitória Pereira deixa a sua neta Maria "uma terra para ela fazer uma eira e onde seu marido, José Gonçalves, pode fazer telhas - isto pela boa assistência que me faz na doença". Num outro testamento, este datado de 1909, José Alves Franco deixa a sua filha e neta "a sua cabana e eira do barreiro, que era muito provavelmente usada para a produção de telha" (Brettell 1991: 291, 67 e 261. Ver também 89 e 45).

(6) Para conhecer os meios de transportes utilizados nos diversos concelhos do Minho (em barcos, carros de bois ou cavalgadas) leia-se o estudo de Jaime Reis que publica um desconhecido "inquérito industrial de 1839" (Reis 1981). Repare-se que nas respostas dadas a este inquérito se denota a importância que no séc. XIX, e deduz-se que o mesmo sucedia nos séculos anteriores, tinha o transporte em barco e, para as zonas mais montanhosas, em cavalgadas.

de passagem (Fernandes 1993: 178 e 180) que “unia” as duas margens do Lima e permitia a ligação fluvial de passageiros e mercadorias quer para montante, até Ponte da Barca, quer para jusante até Viana do Castelo (Reis 1981: 186-187).

A juntar a esta excelente localização, a criação do concelho e, alguns anos depois a criação da feira, propiciaram as condições para o aparecimento das primeiras olarias de louça preta.

#### 4.4 O aparecimento da primeira olaria em Lanheses

Segundo consta da tradição oral na freguesia, o fabrico de louça preta andou sempre nas mãos de uma família, sendo o primeiro destes oleiros oriundo de Prado<sup>7</sup>.

De facto, após consulta aturada dos registos paroquiais (Nascimentos, Casamentos e Óbitos, no vasto período que medeia entre 1593 e 1940) só começamos a encontrar referências a oleiros<sup>8</sup> na primeira metade do séc. XIX.

O primeiro oleiro que para aqui veio, de seu nome João Machado da Rocha, filho do oleiro João Machado da Rocha e de Josefa da Costa, era natural de Oliveira, freguesia do concelho de Prado, tendo casado, em 1786, com Josefa da Silva Macedo, natural de Cervães, filha de Inácio da Silva Araújo e de Maria de Macedo. Com uma prole de oito filhos, o primeiro nascido em 1889 e o último em 1808, parte para Lanheses, no 1.º quartel de 1800, aí se estabelecendo com uma oficina de olaria. Quatro dos seus oito filhos casam em Lanheses e aí produzem louça: Maria da Silva Rocha, casada com o oleiro Francisco de Araújo; José Machado da Rocha, casado com Maria Palma de Lima; Inácio Machado da Rocha, casado com Luísa Maria Gonçalves Casimira e João Machado da Rocha, casado com Maria Pereira de Castro. Na geração de oleiros que se segue a esta, só os filhos de Inácio Machado da Rocha, não se dedicam à olaria, encontrando-se referência a quatro casais de oleiros: José de Araújo, casado com Maria

---

(7) Informa Gabriel Gonçalves que as pessoas com quem falou lhe disseram que a olaria em Lanheses tinha uma origem recente “devendo ter sido iniciada por um descendente, bisavô ou trisavô, que para aqui veio segundo crêem, de Barcelos (Oliveira), fugido à ‘vida militar’ e que por aqui ficou” (Gonçalves 1940:1).

(8) Agradeço à Professora Norberta Amorim que me ajudou e orientou no respigo dos Registos Paroquiais, sem o seu auxílio esta abordagem não teria sido possível. Agradeço também à D. Isabel Salgado, que teve a paciência e a disposição de passar a fichas os dados constantes nos registos paroquiais (Nascimentos, Casamentos e Óbitos) e de me ajudar na busca das famílias dos oleiros.

Fernandes da Costa, filho do oleiro Francisco de Araújo; João Machado da Rocha, casado com Isabel Pujol, natural de Barcelona e Maria Palma da Rocha Lima casada com João Brás Silva Dantas, ambos filhos do oleiro José Machado da Rocha; e, por fim, Maria da Conceição Pereira casada com José da Silva, filha de João Machado da Rocha e de Maria Pereira de Castro.

Na geração seguinte encontrámos cinco casais de oleiros, filhos de Maria Palma da Rocha Lima e do oleiro José Brás da Silva Dantas. A saber: António Brás Dantas da Rocha, casado com Maria Joaquina da Silva; Manuel Brás Dantas da Rocha casado com Maria das Dores Franca; João Brás Dantas da Rocha casado com Carolina Gomes da Cruz; Catarina Palma de Lima, casada com Manuel Pereira Palma e Augusto Brás Dantas da Rocha, casado com Rosa Vicência. Encontramos também um filho de José de Araújo, de seu nome António Araújo casado com Maria das Dores Fiúza; e um filho do oleiro José da Silva, de seu nome José Maria da Silva casado com Maria Rosa Franca de Castro.

Na geração que se segue a esta já só encontramos oleiros nos netos de Maria Palma de Lima e de João Brás da Silva Dantas, não tendo nenhum deles constituído olaria própria. Maria da Conceição Franco, filha do oleiro Manuel Brás Dantas da Rocha casou-se com João Fernandes, filho de sapateiro, que terá trabalhado algum tempo com o sogro mas que voltou mais tarde a exercer a profissão de tamanqueiro. Maria da Conceição continuou no entanto a ajudar a mãe na venda da louça que o pai produzia. Sua filha, Maria Helena Fernandes Franco, seguiu-lhe as pisadas dedicando-se também ela à venda da louça preta e de faiança na feira de Lanheses e, na companhia do marido, na Serra d'Arga. Seu irmão, Manuel Fernandes Franco, o Néu da Lina, casado com uma prima, Constância Palma de Lima, filha do oleiro Manuel Pereira Palma, dedicou-se ao fabrico de louça preta mas em casa de seu sogro. Damião Pereira Palma, filho do oleiro Manuel Pereira Palma e cunhado do Néu da Lina também produziu louça preta mas trabalhou sempre na oficina de seu pai.

São pois, os filhos, os netos, os bisnetos e tetranetos deste João Machado da Rocha, que vão manter a produção de louça de barro preta, em Lanheses, desde ca. 1810 até ca. de 1940.

#### **4.5 O fabrico da louça desde a extracção do barro até à comercialização**

Sabemos que os últimos oleiros que laboravam em Lanheses produziam essencialmente louça preta fazendo no entanto, nestes últimos anos de laboração, alguma louça vermelha (Gonçalves 1988; 72).

O barro extraíam-no, no Verão, em barreiras existentes na freguesia, no lugar do

Barreiro. Tinham de cavar em profundidade para conseguir apanhar os filões do barro. O barro era comprado pelos oleiros ao proprietário do terreno e transportado em carro de bois até à olaria. Cada carro de bois levava 40 gamelas de barro. O carro de bois usado no transporte do barro levava as mesmas protecções laterais (caniças) que serviam para o transporte do estrume para os campos<sup>9</sup>.

Em Lanheses preparava-se o barro do modo como o faziam os oleiros de louça preta de Prado, região de onde, como já tivemos oportunidade de referir, veio o primeiro oleiro que aqui laborou. O barro, depois de seco ao sol numa eira era guardado num coberto. Quando dele precisavam os oleiros colocavam-no num masseirão e aí, com o auxílio de um pisão, trituravam-no até ficar bem desfeito. Este serviço podia ser feito, em simultâneo, por mais de uma pessoa, cada uma com o seu pisão. Seguidamente o barro era peneirado por uma peneira para dentro de uma masseira e aí misturado com água. Depois de bem misturado passava para o vergadoiro onde acabava de ser vergado com as mãos. Sob a forma de bolas ia depois à roda para ser levantado.

Por vezes os oleiros misturavam duas qualidades de barro extraído nas barreiras de Lanheses. Também chegaram a comprar barro em Alvarães, pois o consideravam de melhor qualidade.

Estes oleiros, tal como os oleiros de Prado, utilizavam o torno. Para levantar as peças na roda serviam-se de uns canivetes, auxiliares necessários no levantamento e alisamento da peça. Depois de feita, a peça era alisada com um pano, normalmente de linho. Para separar a peça do rodalho do torno serviam-se de um arame a que atavam na ponta dois pequenos pedaços de pano.

As peças de maiores dimensões, como os cântaros, eram, como em Prado, feitas

---

(9) Os dados etnográficos referidos neste estudo foram recolhidos em trabalho de campo efectuado na freguesia desde 1994. Os nossos principais informadores foram: o Sr. Padre Manuel Franco, natural de Lanheses e pároco da freguesia; Carolina Palma de Lima, neta de Manuel Pereira Palma e que sempre viveu na casa onde funcionou a última olaria; Damião Pereira Palma, filho de um dos últimos oleiros - Manuel Pereira Palma; Maria Helena Franco, neta do oleiro Manuel Brás e que durante muitos anos vendeu a louça de seu avô e, quando não havia produção em Lanheses, a louça preta que comprava aos oleiros de Prado (Parada de Gatim e S. Mamede de Escariz). Para além destes, que se relacionaram directamente com os oleiros, falámos com diversas habitantes de Lanheses que nos deram informações preciosas: os barqueiros Alfredo Badalheiro e João da Rocha e, ainda o Sr. Manuel Quintas, que construiu a sua casa no terreno de um antigo forno, no lugar da Taboneira. Para esta abordagem recorreremos também aos trabalhos de Gabriel Gonçalves (Gonçalves 1940; 1988).

em três partes. Primeiro fazia-se: a parte superior do bojo, a que se chamava *base*, depois de pronta era colocada sobre uma tábua e fazia-se então a parte inferior do bojo, o *caco*. Seguidamente colocava a *base* sobre o *caco* tratando de os unir. Ficava desta forma feito o *búzio* (*caco* + *base*). Depois de o búzio ter sido submetido a um período de secagem é que lhe era finalmente colocado o gargalo do cântaro (Marinho 1996:25-29).

Algumas das peças feitas por estes oleiros eram decoradas. Uma eram singelamente ornamentadas com um ou dois filetes, outras, como os cântaros para água, eram decorados no bordo em varanda, com golpes produzidos pelo canivete.

Mas peças havia, feitas para ocasiões especiais, que eram profusamente decoradas com motivos impressos com o auxílio da carretilha, com aplicação de elementos moldados e com a aplicação de mica na superfície exterior da peça. Conhecemos uma dessas peças que possui inserida a data 1902 e umas iniciais. Foi utilizada pela avó (nascida em 1888) do seu actual proprietário<sup>10</sup> e que foi de Mordoma, na festa da Senhora das Necessidades, em Ponte de Lima, nesse mesmo ano<sup>11</sup>. A decoração de peças com a aplicação de moscovite era praticada pelos oleiros de Prado desde pelo menos o final do séc. XVII e manteve-se até ao séc. XX. Nas escavações arqueológicas realizadas em Braga, no Mosteiro de S. Martinho de Tibães, e no Porto, na Casa do Infante, têm aparecido peças destas. Como se vê também neste aspecto as olarias de Prado e Lanheses têm semelhanças.

Por encomenda também costumavam fazer bules, chávenas, etc, que depois bruniam com um godol<sup>12</sup>.

Toda a louça tinha de ser submetida a um período de secagem antes de ser cozida.

---

(10) Esta peça pertence ao Sr. Valdemar Pinto Agra, neto da senhora que o utilizou em 1902, e que é natural e residente em Lanheses. Tive conhecimento da sua existência através do Dr. Manuel Luís Real que sabendo do meu interesse pela louça preta fez o favor de me enviar uma fotografia desta peça quando esteve exposta na montra do **Oculista Agra**, em Ponte do Lima, e cujo proprietário é o dono da peça.

(11) Segundo Gabriel Gonçalves e, na sua esteira Manuel Marinho e Maria da Graça Freitas (Marinho 1996), as peças produzidas em Lanheses seriam parcamente decoradas, o que não é inteiramente verdade. De facto, a louça de uso comum era pouco ornamentada, mas o mesmo não sucedia quando se tratava de peças feitas para ocasiões especiais. Nestas peças de excepção, o artista esmerava-se e recorria a técnicas ornamentais não utilizadas nas peças do dia-a-dia como: a aplicação de elementos moldados, a impressão com carretilha, o brunido, a aplicação de moscovite, etc.

(12) José Rosa Araújo, explica o que são goidos: "Seixos, ou sejam, calhaus rolados (Alvarães). A certa louça fabricada outrora na freguesia de Lanheses e que era alisada exteriormente com um seixo, chamavam: *louça godada*. Estes seixos eram previamente polidos" (Araújo 1989a: 106).

O tempo de secagem variava consoante as condições climáticas. Quanto mais humidade houvesse mais tempo demoravam as peças a secar.

Depois de secas, as peças eram cozidas. O forno utilizado constava de duas câmaras, separadas por uma grade repleta de furos, e era superiormente descoberto. O modo de cozer a louça era em tudo idêntico ao utilizado em Prado. Costumavam cozer de quinze em quinze dias, na sexta-feira anterior ao dia da feira. A louça era desenformada Sábado de manhã, bem cedo, e nesse mesmo dia transportada para a feira.

Produziam<sup>13</sup> dois tipos de *cântaros*: um, de bordo em varanda que era utilizado no armazenamento e transporte de água; outro, de bordo redondo e normalmente com um bico que servia para o transporte de vinho ou para o sulfato<sup>14</sup>. Qualquer um destes modelos de cântaro podia também ser utilizado na conservação da azeitona ou no “jogo do painel”<sup>15</sup>; *panelas* e *caçoilas* de duas asas eram utilizadas para demolhar bacalhau, na preparação da manteiga (Pereira 1962) e na cozedura de alimentos; *porrões de duas asas* para conserva do pingue; *alguidares*, os maiores para lavar a roupa, os de tamanho inferior utilizados na higiene pessoal; *coadores*, alguidares crivados de furos no fundo e utilizados para escoar as

(13) Quanto às peças produzidas por estes oleiros diz Gabriel Gonçalves: “As peças de louça que mais se fabricam são as seguintes: *Cântaros*, para ir à fonte, preço médio, 1\$20; *Panelas* (duas asas iguais), para maçar o leite, 1\$20; *caçoilas* (duas asas, baixas), para fermentar o leite; \$80; *púcaros* (duas asas), para levar a comida para os campo, \$60; *púcaros* (asadinho), para fazer a comida (cozinhar), \$35; *chocolateira*, para aquecer a água, fazer café, etc, \$40; *copo*, para beber água; \$20; *vasos*, para plantas; \$40” (Gonçalves 1940: 4).

(14) Informa José Rosa de Araújo que em Lanheses, distinguem o cântaro da cântara do seguinte modo: “Distingue-se um da outra apenas pelo rebordo: no cântaro é liso, na cântara é boleado. Deram-me esta explicação em Lanheses, onde ainda em 1940 existia indústria de olaria popular e se fabricavam cântaros e cântaras de barro para ir à fonte” (Araújo 1989: 30).

(15) Os cântaros feitos pelos oleiros de Lanheses (Araújo 1991:[303]) e pelos oleiros de Parada de Gatim e S. Mamede de Escariz (Fernandes 1997), eram utilizados para jogar o “jogo do painel ou panelinha”. O jogo consistia no seguinte: “vários jovens, dispostos a uma distância próxima, iam atirando entre si um cântaro, até que um deles, mais desastrado, o deixava cair. Era então obrigado a pagar um novo cântaro que voltava a ser utilizado com o mesmo fim.” (Fernandes 1997; Araújo 1982: 46). José Rosa de Araújo dá também conta do “jogo do painel”, organizado pelos donos das tabernas, por altura das festividades locais. Estes compravam grandes quantidades de cântaros, utilizados no jogo acima descrito, só que, se um dos jogadores partia um cântaro em vez de comprar um outro, pagava uma rodada de vinho aos convivas (Araújo 1991: [303-304]). Note-se que os cântaros reservados para estes jogos ou eram cântaros que durante o ano as pessoas tinham de algum modo inutilizado para as tarefas diárias ou então compravam aos oleiros cântaros de refugo (Fernandes 1997).

batatas cozidas, os legumes, etc.; *púcaros de duas asas* utilizados para “levar a comida para os campos”; *púcaros de uma asa (asadinhos)* utilizados na cozedura dos alimentos; *chocolateiras* para aquecer o vinho com mel ou açúcar, fazer café ou chá, etc.; *infusas* para o vinho; *fogareiros* e *assadeiras* para assar as castanhas; *copos*, para serviço e ingestão de líquidos; *bacios* (penicos) e *vasos* para plantas ornamentais. De quando em vez, e a pedido do rapazio faziam *cucos* (Gonçalves 1969), que estes se deleitavam a tocar.

A louça era vendida, normalmente pelas mulheres dos oleiros nas feiras de Lanheses, Viana do Castelo e Ponte de Lima e, pelos caminhos da serra, seguia para Meixedo, Vilar de Murteda, S. Lourenço da Montaria e Caminha de onde era vendida para a Galiza (Espanha). Para as feiras de Viana do Castelo e Ponte de Lima a louça era transportada de barco através do rio Lima. A louça que sobrava de umas feiras para as outras deixavam-na a guardar em casa de pessoas conhecidas a quem de algum modo recompensavam.

A louça era transportada à cabeça das mulheres, dentro de cestos. O modo de acamar a louça era o seguinte: o fundo do cesto era cheio com peças miúdas, testos, chocolateiras, copos, etc. De seguida, dispunham de cada um dos lados mais compridos do cesto, três cântaros com as bocas voltadas para dentro. Estes eram seguros entre si e às asas do cesto, com cordas. Os intervalos que ficavam entre estes eram preenchidos com louça mais miúda. Quando tinham de transportar uma grande quantidade de louça, contratavam mulheres para as acompanharem, cada qual com seu cesto à cabeça.

Estas oficinas de louça preta eram unidades familiares de produção onde todos tinham a sua quota parte de trabalho. O pai e os filhos mais velhos trabalhavam à roda, os mais novos, rapazes e raparigas, esmagavam o barro no masseirão, peneiravam-no e amassavam-no. Era também a estes e à mãe que competia ir pelos montes apanhar a lenha necessária à cozedura da louça. À mãe e às filhas competia-lhes ainda as lides domésticas, o trabalho nas terras de cultivo e, ao serão, a fiação do linho necessária para abastecer a casa. Era também a mulher quem estava encarregue de vender a louça nas feiras.

Os filhos que casavam podiam estabelecer-se por conta própria ou ficar a trabalhar na casa paterna. Damião, um dos últimos oleiros de Lanheses nunca teve oficina própria continuando, até desistir da arte, a trabalhar em casa do pai, Manuel Palma.

Deixou de se produzir louça em Lanheses na década de 40, mas Maria Helena Fernandes Franco (Lena Balandra), irmã do oleiro Manuel Franco Fernandes, neta do oleiro Manuel Brás. continuou a vender na feira de Lanheses louça preta dos oleiros de Prado

(freguesias de Parada de Gatim e S. Mamede de Escariz) e que ia comprar à feira de Ponte de Lima. O próprio Damião Brás, um dos últimos oleiros de Lanheses, ia, nos últimos anos em que laborou, comprar louça preta aos oleiros de Prado, que vendia, na feira de Lanheses, misturada com a sua.

## 5. Conclusão

Fenómenos migratórios internos em Portugal que estão por estudar no seu conjunto, mas de que conhecemos alguns casos, levaram os oleiros para outras terras onde encontraram a matéria-prima de que necessitavam e mercados que lhes adquirem as peças. Lanheses é um desses casos. Criado por oleiros de Prado (freguesias de Oliveira e Cervães), numa zona de confluência de caminhos fluviais e terrestres, sede de um pequeno concelho criado em 1793 e extinto em 1836 (Rodrigues 1993), com uma feira quinzenal criada em 1796, numa região conhecida como consumidora de louça preta, aí laboraram durante cerca de século e meio um grupo de oleiros, constituindo pouco mais de uma mão cheia de oficinas de cariz familiar, onde pais e filhos laboravam em conjunto. As técnicas e utensílios utilizados pelos “paneleiros” de Lanheses, bem como a tipologia das peças, são os mesmos que trouxeram da sua terra natal — o concelho de Prado.

A sua louça, destinada a suprir as necessidades de um comunidade rural, começa aos poucos a ser substituída por materiais menos quebrançosos como a folha-de-flandres, o plástico e o ferro fundido. Por outro lado, os caminhos da emigração levaram os filhos destes oleiros para o Brasil, França e Espanha tornando-os assalariados por conta de outrém ou pequenos comerciantes por conta própria. Os últimos oleiros, Damião Pereira Palma e Manuel Franco (Néu da Lina) deixaram de trabalhar por volta dos anos 40, e assim se extinguiu o fabrico de louça preta em Lanheses que perdurou durante cerca de 130-140 anos, tendo o seu início no 1.º quartel de 1800 e o seu término na década de 40 deste século.

**BIBLIOGRAFIA**

- ARAÚJO 1982** José Rosa de Araújo - *Jogar o painel*, in "Serão", 2ª ed., vol. 2, Caminha, Edições Camínia, 1982, p. 46 (ver tb p. 181, 10º parágrafo).
- ARAÚJO 1989** José Rosa de Araújo - *Costumeiras. Cântaro*, in "Serão", 2ª ed., vol. 2, Caminha, Edições Camínia, 1989, p. 30.
- ARAÚJO 1989a** José Rosa de Araújo - *Falar limiano*, in "Serão", 2ª ed., vol. 2, Caminha, Edições Camínia, 1989, p. 105-106.
- ARAÚJO 1991** José Rosa de Araújo - *Painel*, in "Limiana. Página regional de Arqueologia Artística e Etnografia", 2ª ed., Ponte de Lima, 1991, [p. 303-304]; 1ª ed.: 12 de Fevereiro de 1988.
- BARROCA 1993** Mário Jorge Barroca - *Centros oleiros de Entre-Douro-e-Minho*, "Arqueologia Medieval", 2, 1993, p. 159-170.
- BEZERRA 1791** Manuel Gomes de Lima Bezerra - *Os estrangeiros no Lima*. Coimbra, vol. 2, 1791.
- BOLAMA 1914** Marquês d'Ávila e Bolama- *A nova carta corográfica de Portugal*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1914.
- BRETELL 1991** Caroline B. Brettell - *Homens que partem, mulheres que esperam, consequências da emigração numa freguesia minhota*. Lisboa, Publicações D. Quixote, 1991 (Portugal de Perto: 23).
- CAPELA 1992** José Viriato Capela - *Exportação de louça de Prado para a Galiza 1750-1830*. Barcelos, Museu de Olaria, 1992 (Cadernos de Olaria: 2).



- CAPELA 1995** José Viriato Capela - *As contas da Câmara da vila de Lanheses (1793-1836)*, in "O Minho e os seus municípios. Estudos económicos-administrativos sobre o município português nos horizontes da reforma liberal", Braga, Universidade do Minho, 1995, p. 351-362.
- CARNEIRO 1962** Eugénio Lapa Carneiro - *Donde vem a confusão entre louças de Prado e louças de Barcelos*, Separata do "Jornal de Barcelos", 646, 26 de Julho de 1962.
- COUTINHO 1989** Arminda Pascoal Coutinho - *Edgar Rei. Destino brasileiro de oleiros barcelenses*. Barcelos, Museu de Olaria, 1989 (Fichas de Olaria: 2).
- COSTA 1868** António Carvalho da Costa - *Corografia Portuguesa...*, vol. 1, 2ª ed., Braga, Tip. de Domingos Gonçalves Gouveia, 1868 [1ª ed. 1706].
- FERNANDES 1990** Isabel Maria Fernandes - *Introdução à conferência de Luciano García Alén...*, Barcelos, Museu de Olaria, 1990 (Museu Aberto: 2).
- FERNANDES 1993** Mário Gonçalves Fernandes - *A travessia do Lima em frente de Viana ou da barca do concelho à Ponte de Gustave Eiffel*, in "Estudos Regionais", 13-14 Dez. 1993, p. 171-181.
- FERNANDES 1996** Isabel Maria Fernandes - *Centros produtores de louça preta da Região Norte*, "Olaria", 1, 1996, p. 11-35.
- FERNANDES 1997** Isabel Maria Fernandes - *A louça preta de Prado. Derradeiras manifestações de um centro olário*. Vila Verde, Câmara Municipal, 1997 [No prelo].
- FONTES 1998** Luís Fontes; Isabel Maria Fernandes; Fernando Castro - *Peças de louça preta decoradas com moscovite encontradas nas escavações arqueológicas do Convento de S. Martinho de Tibães*, in "Actas das II jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval. Tondela 1995", Tondela, Câmara Municipal, 1998 [No prelo].

**GARCÍA ALÉN 1983** Luciano García Alén - *La alfarería de Galicia*, vol. 2, La Coruña, Fundación Pedro Barrié de la Maza, 1983.

**GONÇALVES 1940** Gabriel Gonçalves - *Indústrias caseiras de Lanheses. A olaria*, "Notícias de Viana", 5 de Outubro de 1940, p. 1 e 4.

**GONÇALVES 1969** Flávio Gonçalves - *Assobios onomatopaicos dos barristas de Barcelos*, 2ª série, Barcelos, Museu de Cerâmica Popular Portuguesa, 1969 (Cadernos de Etnografia: 7).

**GONÇALVES 1988** Gabriel Gonçalves - *Lanheses. Subsídios para uma monografia*, [texto manuscrito e policopiado], 1988.

*Ilustração Católica*. Braga, 6 (283) 30 Nov. 1918.

**LEAL 1874** Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal - *Portugal antigo e moderno...*, vol. 4, Lisboa, Livraria Editora de Matos Moreira & Companhia, 1874.

**MACEDO 1966** Adélio Marinho de Macedo; José António Figueiredo - *As barcas de passagem a jusante de Prado*. Barcelos, Museu Regional de Cerâmica, 1966 (Cadernos de Etnografia; 5).

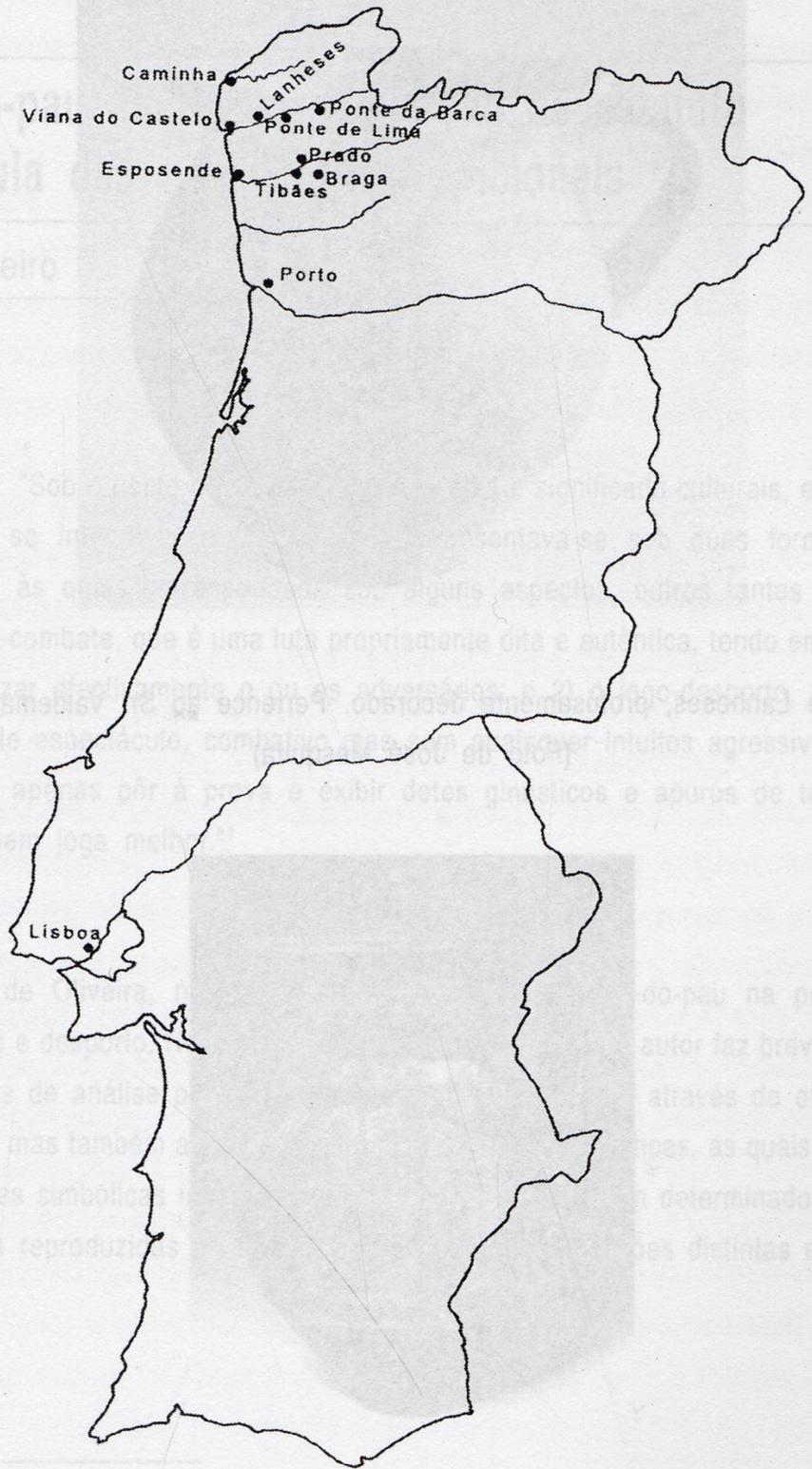
**MARINHO 1996** Manuel Marinho Macedo; Maria da Graça Freitas - *O Cântaro Minhoto. Classificação de materiais*. Barcelos, Museu de Olaria, 1996 (Fichas de Olaria: 4).

**MENDEZ SILVA 1645** Rodrigo Mendez Silva - *Población General de España*. Madrid, 1645, fl. 179v.

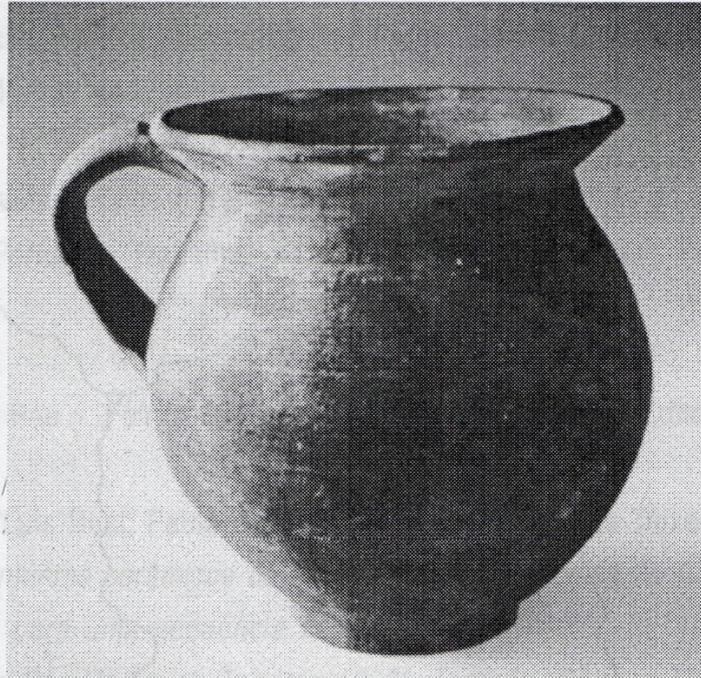
**NEIVA 1984** Manuel Albino Penteado Neiva - *O porto fluvial de Esposende*, "Boletim Cultural de Esposende", 5, Junho de 1984, p. 7-24

**OLIVEIRA 1985** Aurélio de Oliveira - *Mercados a Norte do Douro...*, "Revista da Faculdade de Letras, História", Porto, 2ª série, 9, 1985, p. 27-100

- PEIXOTO 1966** Rocha Peixoto - *As olarias de Prado*. Barcelos, Museu Regional de Cerâmica, 1966 (Cadernos de Etnografia: 7) [1ª ed. 1900].
- PEREIRA 1962** Benjamim Enes Pereira - *Subsídios para o estudo do leite e da manteiga no norte de Portugal*, "Trabalhos de Antropologia e Etnologia", Porto, 18 (3-4) 1962, p. 357-362.
- RAU 1982** Virgínia Rau - *Feiras Medievais portuguesas*, Lisboa, Editorial Presença, 1982.
- REAL 1995** Manuel Luís Real; Paulo Dordio Gomes; Ricardo Jorge Teixeira; Rosário Figueiredo Melo - *Conjuntos cerâmicos da intervenção arqueológica na Casa do Infante - Porto: elementos para uma sequência longa - séculos IV-XIX*, in "I Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Tondela 1992", Tondela, Câmara Municipal, 1995, p. 171-186.
- REIS 1981** Jaime Reis - *Aspectos económicos de Viana do Castelo em 1840: um inquérito esquecido*, "Estudos Contemporâneos", Porto, 2-3, 1981, p. 143-198.
- RODRIGUES 1993** Henrique Rodrigues - *O espaço geográfico da Ribeira Lima na reforma administrativa de 1832-1836*, "Estudos Regionais", 13-14, Dez. 1993, p. 149-170.
- SILVA 1988** Francisco Ribeiro da Silva - *O Porto e o seu termo (1580-1640). Os homens, as instituições e o poder*, vol. 2, Porto, Arquivo Histórico, 1988.
- VIEIRA 1886** José Augusto Vieira - *O Minho Pitoresco*, vol. 1, Lisboa, 1886, p. 229.

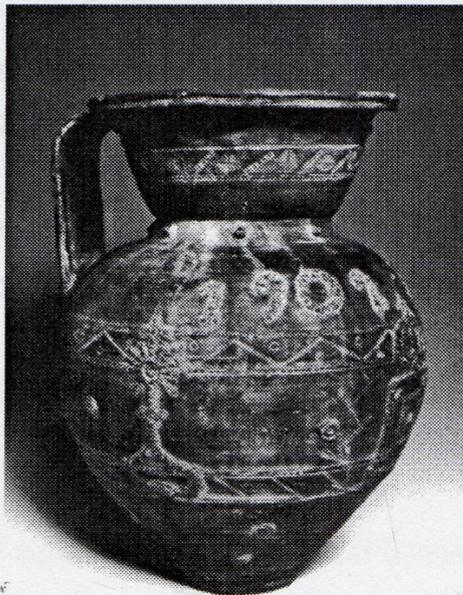


1. Mapa de Portugal, com a localização dos locais referidos ao longo do texto.



2. Cântaro de Lanheses, profusamente decorado. Pertence ao Sr. Valdemar Pinto Agra.

(Foto de José Mesquita)



3. Púcaro, muito provavelmente produzido em Lanheses.

(Foto de José Mesquita)